

CADERNO DE  
RESUMOS DO

**VI SEMINÁRIO  
DO PROGRAMA  
DE ESTÁGIOS  
DE  
LICENCIATURA**

Carlos Ventura Fonseca  
Glácia Helena Motta Grohs  
Camille Johann Scholl  
(Orgs.)

Carlos Ventura Fonseca  
Gláucia Helena Motta Grohs  
Camille Johann Scholl  
(Orgs.)

Caderno de resumos do  
VI SEMINÁRIO  
DO PROGRAMA DE ESTÁGIOS DE LICENCIATURA

1ª Edição

Porto Alegre  
UFRGS  
2021

ISBN 978-65-5973-077-3



# **APRESENTAÇÃO**

---

A Coordenadoria das Licenciaturas e o Programa de Estágios de Licenciatura apresentam o Caderno de Resumos do VI Seminário do Programa de Estágios de Licenciatura que ocorreu no dia 3 de dezembro de 2020. A sexta edição do Seminário do Programa de Estágios de Licenciatura foi um evento de extensão que buscou a divulgação, compartilhamento e reflexão das práticas e experiências dos estágios de docência da UFRGS e justificou-se pela necessidade de que os diferentes atores dos cursos de licenciatura da UFRGS têm de construir diálogos sobre a aprendizagem da profissão docente.

O VI Seminário do Programa de Estágios de Licenciatura partiu da ideia de que a multiplicidade de cursos de licenciatura guardam aproximações e afastamentos que podem ser problematizadas. Os alunos que realizaram estágios ao longo de 2020 e os professores supervisores das escolas que recebem os alunos de estágio foram convidados a participar e inscrever trabalhos colaborativos. Este evento proporcionou o relato das atividades desenvolvidas nos estágios de docência dos cursos de licenciatura da UFRGS e construiu reflexões e aprendizagens.

O evento ocorreu em meio à Pandemia de Covid-19 e também proporcionou a discussão sobre as especificidades relacionadas aos estágios, no modelo do Ensino Remoto Emergencial (ERE) UFRGS/2020. Outra particularidade da sexta edição deste evento foi coadunar as discussões desenvolvidas e promovidas pelo Grupo de Trabalho Estágios e Práticas criado em 28 de maio de 2020, a partir do Plenário da Coordenadoria das Licenciaturas e objetivou debater sobre os estágios e práticas de ensino, no âmbito dos cursos de licenciatura da UFRGS em tempos de Pandemia e de implementação do Ensino Remoto Emergencial, com representação docente, discente e das redes de ensino público.

O evento propôs que os participantes pudessem inscrever e apresentar trabalhos, no formato de “rodas de conversa”, de modo que fossem discutidas as experiências e aprendizagens dos estágios. Os trabalhos foram inscritos na modalidade “resumo”, os quais compõem este caderno.

Boa leitura!

## **COMISSÃO ORGANIZADORA**

Carlos Ventura Fonseca (Coordenação PIED)  
Gláucia Helena Motta Grohs (Coordenação Coorlicen/PROGRAD)  
Camille Johann Scholl (Coorlicen/PROGRAD)

# PROGRAMAÇÃO

## VI SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE ESTÁGIOS DE DOCÊNCIA, OCORRIDO EM 03 DE DEZEMBRO DE 2020.

### 13h até 14h - MESA DE ABERTURA

Gláucia Helena Motta Grohs (Coorlicen)

Carlos Ventura Fonseca (PIED)

Cláudia Amaral dos Santos Lamprecht (SMED)

Ana Paula de Souza Colling (SEDUC)

Roselane Zordan Costella (orientadora)

### 1ª RODA DE CONVERSAS - DOCENTES DA EDUCAÇÃO BÁSICA DAS REDES PÚBLICAS E SUAS EXPERIÊNCIAS EM 2020

03 DE DEZEMBRO DE 2020

14h às 16h

- 1- Caroline Ponso - Professora de Música - Escola Municipal de Ensino Fundamental Vila Monte Cristo.
  - 2- Tisiane Isoppo Machado - Professora de Matemática - EEEM Anne Frank.
  - 3- Lucas La Bella Costa - Professor de História - Instituto Estadual Rio Branco.
  - 4- Ricardo de Souza Machado - Professor de Química - Escola Estadual de Ensino Médio Agrônomo Pedro Pereira.
  - 5- Alfredo Ranzan - Professor de História - Colégio Estadual Augusto Meyer.
- Mediação & Debate:
- Professor Carlos Ventura Fonseca (UFRGS)  
Professora Sandra dos Santos Andrade (UFRGS)  
Cláudia Amaral dos Santos Lamprecht (SMED)

# PROGRAMAÇÃO

**VI SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE ESTÁGIOS DE DOCÊNCIA, OCORRIDO EM 03 DE DEZEMBRO DE 2020.**

**2ª RODA DE CONVERSAS – Estudantes/estagiários de licenciaturas da UFRGS  
03 DE DEZEMBRO DE 2020**

16h às 18h

## ESTUDANTES PARTICIPANTES

- 1- Douglas Santana Charqueiro (Licenciatura em Química)
- 2- Camila Presser Dutra.(Licenciatura em Letras/Inglês)
- 3- Helena Bonetto. (Licenciatura em Geografia)
- 4- Carolina Bernardes Rollsing; Natasha Santos de Moura. (Licenciatura em Geografia)
- 5- Gabriele Ozório Wink; Julia Dall Agnese; Laura Cardoso Bueno. (Licenciatura em Geografia)
- 6- Andrey Czolpinski e Rafael Brito. (Licenciatura em Química)

## ORIENTADORAS PARTICIPANTES (docentes da UFRGS)

1. Flavia Maria Teixeira Dos Santos
2. Margarete Schlatter
3. Roselane Zordan Costella
4. Denise Wildner Theves
5. Élide Pasini Tonetto
6. Daniele Trajano Raupp

Mediação & Debate:

Professor Carlos Ventura Fonseca (UFRGS).

Professora Margarete Schlatter (UFRGS).

# PROGRAMAÇÃO

**VI SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE ESTÁGIOS DE DOCÊNCIA, OCORRIDO EM 03 DE DEZEMBRO DE 2020.**

**3ª RODA DE CONVERSAS – Estudantes/estagiários de licenciaturas da UFRGS  
03 DE DEZEMBRO DE 2020**

18h às 19h

ESTUDANTES PARTICIPANTES

1. Cassiana Herzer Griebeler. (Licenciatura em Química)
2. Danielle Prazeres. (Licenciatura em Química)
3. Lúcio de Souza Gastal. (Licenciatura em Geografia)
4. Bruno Luiz Tesch Ely; Igor Paiani Fernandes; José Luis Dimer Shutt. (Licenciatura em Geografia)

ORIENTADORAS PARTICIPANTES (docentes da UFRGS)

1. Camila Greff Passos
2. Daniele Trajano Raupp
3. Roselane Zordan Costella
4. Élda Pasini Tonetto

Mediação & Debate:

Professor Carlos Ventura Fonseca (UFRGS)  
Professora Roselane Zordan Costella (UFRGS)

**4ª RODA DE CONVERSAS – Estudantes/estagiários de licenciaturas da UFRGS  
03 DE DEZEMBRO DE 2020**

19h às 20h

ESTUDANTES PARTICIPANTES

1. Éder Luís da Silva Rodrigues. (Licenciatura em Geografia)
2. Alessandra Heckler Stachelski. (Licenciatura em Matemática)
3. Luigi Quintans Riveiro. (Licenciatura em Matemática)
4. Jeniffer da Silva Bielavski. (Licenciatura em Educação Física)

ORIENTADORAS PARTICIPANTES (docentes da UFRGS)

1. Élda Pasini Tonetto
2. Denise Wildner
3. Andreia Dalcin
4. Roseli Belmonte Machado

Mediação & Debate:

Professor Carlos Ventura Fonseca (UFRGS)



# **PROGRAMAÇÃO**

---

**VI SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE ESTÁGIOS DE DOCÊNCIA, OCORRIDO EM 03 DE DEZEMBRO DE 2020.**

**5ª RODA DE CONVERSAS**

03 DE DEZEMBRO DE 2020

20h às 21h

DOCENTES DA UFRGS

**REFLEXÕES – O FUTURO DOS ESTÁGIOS DAS LICENCIATURAS**

PARTICIPANTES:

- 1- Flávia Maria Teixeira dos Santos
- 2- Andreia Dalcin
- 3- Luciane Bresciani
- 4- Caroline Pacievitch

Mediação & Debate:  
Professor Carlos Ventura Fonseca (UFRGS).



# SUMÁRIO

---

1. ESTÁGIO DOCENTE NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE.....	8
2. PROJETOS DE CANÇÕES EM AULAS REMORAS DE INGLÊS NA ESCOLA PÚBLICA.....	9
3. O PROCESSO DE APRENDIZAGEM EXIGE PRESENÇA? .....	10
4. EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA: PRÁTICA DOCENTE: o ensino de geografia para população em situação de rua.....	11
5. ADAPTAÇÕES PEDAGÓGICAS: REFLEXÕES SOBRE O DESENVOLVIMENTO DO ESTÁGIO OBRIGATÓRIO EM GEOGRAFIA NO CONTEXTO PANDÊMICO.....	12
6. RELATO DE ESTÁGIO.....	13
7. DESENVOLVIMENTO E ANÁLISE DE UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA O ENSINO REMOTO DE CINÉTICA QUÍMICA NO ENSINO MÉDIO.....	14
8. RELATO DE ESTÁGIO II.....	15
9. UMA OPORTUNIDADE DE ESTÁGIO FORA DO MEU LUGAR.....	16
10. PRÁTICAS EDUCACIONAIS EM TEMPOS DE PANDEMIA: uma abordagem geográfica através do ensino remoto emergencial.....	17
11. ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO ZPPV – ZUMBI DOS PALMARES PRÉ-VESTIBULAR.....	18
12. CRIANDO VÍDEO AULA, COMO E PARA QUEM?.....	19
13. GEOGEBRA, MEET, IVCAM E GOOGLE CLASSROOM: RECURSOS DIGITAIS NA AULA DE MATEMÁTICA.....	20
14. EXPERIÊNCIAS DOS ESTAGIÁRIOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL UFRGS.....	21





## 1. ESTÁGIO DOCENTE NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE

---

Douglas Santana Charqueiro e Natália Carminatti Ricardi

Profa. Dra. Flávia Maria Teixeira dos Santos (Orientadora)

O estágio docente é fundamental para a formação da identidade docente do futuro educador. Devido à implementação do ensino remoto emergencial, ocasionado pela pandemia de Covid-19, foi impossibilitada a realização do Estágio de Docência em Ensino de Química III B em espaços tradicionais de ensino, ou seja, nas salas de aula da Educação Básica. Dessa forma, houve a necessidade de adequação do presente estágio a um espaço não tradicional de ensino.

O Curso de extensão “Formação de Professores de Ciências Naturais para a Abordagem de Situações-Problema e Investigação Científica na Educação Básica” (CFPCN), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, ministrado pela Profa. Dra. Flávia Maria Teixeira dos Santos, foi definido como o espaço para a realização do estágio docente na modalidade remota. O objetivo desse curso é fornecer ao professor de Ciências (Biologia, Física e Química) da Educação Básica subsídios para o trabalho com a metodologia de resolução de problemas, além de trabalhar com aspectos epistemológicos, pedagógicos e psicológicos da resolução de problemas para a formação teórica e prática do docente.

Apesar da realização do estágio docente no CFPCN não ter ocorrido em um espaço tradicional de ensino (sala de aula presencial), essa experiência possibilitou aos autores desse relato uma percepção renovada do papel da identidade docente em atividades como a elaboração de problemas e a avaliação. Outro aspecto positivo foi a interação com diversos docentes do território nacional, uma vez que o curso contemplou participantes de quase todos os Estados brasileiros. Dessa forma, foi possível conhecer realidades de ensino distintas dos diferentes estados através dos relatos dos participantes a respeito de suas atividades cotidianas. Em suma, foi uma experiência enriquecedora para os estagiários, que ultrapassou as expectativas idealizadas no início do ensino remoto.

Em relação à identidade docente, o estágio docente nos permitiu observar uma resistência por parte dos professores cursistas em termos de diversificação do processo avaliativo, o que pode ser percebido nos relatos em relação a inovação da avaliação. Ora responsabilizando a direção das escolas, ora relatando as experiências como alunos do ensino básico e superior.

Uma grande desafio encontrado foi lidar com os professores cursistas durante a realização das atividades. Apesar de se tratarem de professores da rede pública de ensino, com considerável experiência, ou seja, com suas crenças já consolidadas, nesse curso assumiram o papel de aluno, com anseios, dúvidas e dificuldades de alunos. Essa situação exigiu de nós estagiários uma postura diferenciada em relação às experiências de estágio anteriores. Em suma, foi uma experiência enriquecedora para os estagiários, que ultrapassou as expectativas idealizadas no início do ensino remoto.



## 2. PROJETOS DE CANÇÕES EM AULAS REMORAS DE INGLÊS NA ESCOLA PÚBLICA

---

Camila Presser

Profa. Dra. Margarete Schlatter (Orientadora)

O ensino à distância já estava presente em minha vida de aluna, mas ministrar aulas durante a pandemia foi uma experiência atípica para todos nós. Ensinar grandes turmas dos três anos de Ensino Médio na modalidade remota assíncrona fez o meu desafio de planejamento ainda maior. Com as instruções que recebi por parte da escola e por parte da disciplina de estágio que cursava, eu deveria produzir um projeto significativo e estimulante para os alunos que envolvesse a leitura e a reflexão sobre textos literários em inglês e focalizar determinadas estruturas linguísticas do programa escolar. Decidi trabalhar com canções que possibilitassem expressar um pouco do que sentimos durante o período de quarentena e que também apresentassem o conteúdo gramatical de cada ano. Outro critério para a escolha de canções foi não conhecer os grupos com os quais iria trabalhar, o que implicou em abranger diferentes gostos.

Para cada ano do Ensino Médio foi desenvolvido um projeto. O projeto do 1º ano teve como objetivo relacionar canções com os sentimentos que elas nos provocam; o do 2º ano visou refletir sobre as canções como parte da nossa história; e o do 3º versou sobre as canções como expressão das experiências que vivemos. O objetivo desses projetos foi o de promover uma leitura mais lítero-musical (Coelho de Souza, 2009) das canções, ou seja, trabalhar seus efeitos de sentido a partir de ambas as materialidades que a compõe: letra e música.

Cada um dos projetos foi dividido em quatro grandes atividades, que deveriam ser realizadas ao longo de um mês. Na atividade 1, utilizei tarefas que ativassem os conhecimentos prévios dos alunos, com textos como nuvem de palavras, linhas do tempo e comparações entre poemas e canções. Na atividade 2, os alunos estariam de fato em contato com o texto literário escolhido, com tarefas de ouvir as canções para relatar suas percepções e experiências estéticas (Coelho de Souza, 2009), ler e interpretar as letras das canções. A atividade 3 focalizou determinadas estruturas linguísticas do programa escolar, utilizando-se como exemplos trechos das canções para compreender os seus efeitos de sentido, e exercícios de fixação de completar lacunas, organizar frases e selecionar segmentos. A atividade 4 teve como objetivo a elaboração dos produtos finais dos projetos, visando oportunizar que o aluno produzisse um texto em inglês. Para o 1º ano propus que eles fizessem um poema sobre a quarentena; para o 2º ano propus que eles fizessem duas playlists com músicas que eles amam e odeiam desde 2015; e para o 3º ano propus que eles fizessem um poema em forma de texting (mensagem de texto).

Para além de um planejamento cuidadoso de seleção e exploração de textos literários relevantes para os alunos, com esta experiência aprendi a elaborar instruções claras, usar exemplos e modelos de respostas possíveis para a construção do repertório linguístico em inglês. Na modalidade remota assíncrona o professor precisa antever a ajuda os alunos em suas possíveis dúvidas e considerar que é o próprio material didático que irá provê-la, considerando a pouca autonomia em língua inglesa para deduzir por conta própria ou acesso limitado a recursos de pesquisa. Busquei trabalhar com feedback (indicações para a reescrita) (Schlatter, Garcez, 2012), pois acredito que a simples correção de certo ou errado não constrói a aprendizagem. E estando fisicamente distante, o feedback me proporcionou uma troca mais direta com os alunos no espaço para comentários na plataforma (Córtex). Foi através deste contato que entre dúvidas, comentários e reclamações, pude ver como as canções têm a oferecer para a aprendizagem de língua adicional, pois através da música e da letra podemos desenvolver a percepção de mundo e discutir aspectos culturais e universais, bem como aspectos linguísticos contextualizados.

### 3. O PROCESSO DE APRENDIZAGEM EXIGE PRESENÇA?

---

Helena Bonetto

Profa. Dra. Roselane Zordan Costella (Orientadora)

O presente resumo tem como objetivo refletir sobre a prática de estágio de licenciatura em Geografia III, cadeira ministrada pelos professores(as) doutores: Roselane Zordan Costella e Nestor André Kaercher. O estágio foi realizado na modalidade de ensino remoto no Colégio Estadual Engº Ildo Meneghetti localizada no bairro Restinga - Porto Alegre/RS, atualmente conta com 1.700 alunos, funcionando nos três turnos. O estágio foi realizado em uma turma do sexto ano do ensino fundamental, a qual possui 32 alunos (as) cadastrados na plataforma digital adotada pelo colégio. Os professores (as) no início da implementação da plataforma realizaram uma pesquisa sobre vulnerabilidade da comunidade escolar do Colégio Estadual Engº Ildo Meneghetti. Foram obtidas 348 respostas que evidenciaram, entre as principais dificuldades enfrentadas pelas famílias dos estudantes: perda de renda por parte 66% das famílias, ausência de computadores para acesso as aulas por parte de 64% das famílias. Diante desse contexto socioespacial, a principal pergunta que emerge da prática do estágio docente na modalidade de ensino remoto é: o processo de aprendizagem exige presença? Primeiramente porque nós alunos (as) e professores(as) da universidade tivemos um período de adaptação e ainda estamos fazendo ajustes emocionais e práticos para ensino remoto e na escola pública não está sendo diferente do que vivemos, apesar da plataforma nos oferecer recursos de postagem de vídeos, instrumentos de avaliação objetivos e dissertativos, construção de materiais com imagem e textos atrativos a interação com os alunos(as) fica restrita as aulas assíncronas e o retorno das atividades é pequeno o que causa desconforto e frustração. Portanto, um dos principais desafios do ensino remoto no estágio docente é manter o vínculo emocional entre alunos(as)/professores(as) e a escola ainda que as questões materiais sejam um dos principais entraves para os estudantes. Durante o estágio procurei interagir através do mural com perguntas simples e solicitação de comentários, com mensagens aos estudantes e com preocupação de entradas para as atividades que demonstrassem empatia ao momento em que estamos vivendo. Acredito que esse seminário é um importante momento para socializarmos nossas experiências, trocarmos práticas e refletirmos sobre possibilidades de estarmos reforçando os vínculos entre alunos(as), professores(as) e escola os quais permitam a construção de pontes para que os diferentes tempos e espaços das nossas práticas docentes mediadas pela virtualidade possam convergir em tempo pandêmicos.

#### 4. EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA: PRÁTICA DOCENTE: O ENSINO DE GEOGRAFIA PARA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA

---

Carolina Bernardes Rollsing e Natasha Santos de Moura

Profa (s). Dra (s). Denise Wildner Theves e Élide Pasini Tonetto (Orientadoras)

Este trabalho é o resultado da experiência na disciplina Estágio Supervisionado em Geografia II, que faz parte do currículo obrigatório do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Esta disciplina propõe a aproximação dos alunos licenciandos do curso de Geografia da realidade de outros espaços escolares e não escolares que incluam outras atividades de ensino e aprendizagem. O estágio foi realizado no primeiro semestre de 2020, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Porto Alegre - EPA, localizada na cidade de Porto Alegre. A escola foi fundada em 30 de agosto de 1995, com o objetivo de atender pessoas em situação de vulnerabilidade e em situação de rua. Devido ao momento atual de pandemia foi necessário repensar e se adaptar a uma forma de ensinar que fosse possível na realidade presente, ensinar exige pesquisa, principalmente neste cenário. Construímos quatro atividades a partir de demandas apresentadas pelas/os professoras/es da EPA, aprimoradas na relação com a escola e pelas reflexões na disciplina de Estágio Supervisionado em Geografia II, sendo que essas trocas de saberes foram essenciais na nossa pesquisa de como ensinar em meio ao isolamento social. Ensinar, aprender e pesquisar, envolvem esses dois momentos do ciclo gnosiológico: aquele em que se ensina e se aprende a partir do conhecimento já existente, aquele em que se trabalha a produção do conhecimento ainda não existente. A "docência" - docência-discência - e a pesquisa, indicotomizáveis, são assim requeridas por esses momentos do ciclo gnosiológico. (FREIRE, 1996, p. 28). O ciclo gnosiológico se mostrou de extrema importância na criação das atividades, o que evidencia que não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Pelo diálogo com os/as professores/as fomos fazendo diversas descobertas a respeito das necessidades destes alunos que não tivemos a oportunidade de conhecer pessoalmente, em função das medidas de isolamento social. Buscamos desenvolver atividades que gerassem reflexões nos alunos, que ultrapassem a barreira de uma formação educativa de puro treinamento técnico, de caráter da educação bancária. Foi essencial trazer exemplos dentro da realidade do aluno, para que gerassem reflexões a partir da observação das dinâmicas que ocorrem ao seu redor. "Porque não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina" (FREIRE, 1996, p.32).

## 5. ADAPTAÇÕES PEDAGÓGICAS: REFLEXÕES SOBRE O DESENVOLVIMENTO DO ESTÁGIO OBRIGATÓRIO EM GEOGRAFIA NO CONTEXTO PANDÊMICO

Gabriele Ozório Wink, Júlia Dall'Agnese e Laura Cardoso Bueno

Profa (s). Dra (s). Denise Wildner Theves e Élide Pasini Tonetto (Orientadoras)

O presente resumo busca refletir sobre as experiências desenvolvidas pelas estudantes do curso de Licenciatura em Geografia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em seu Estágio Supervisionado em Geografia II. O objetivo dessa disciplina é conhecer espaços não-formais de educação dentro da cidade e/ou outras modalidades de ensino e criar projetos didáticos em conjunto com eles. Entendemos que os espaços não-formais de educação são aqueles em “que se aprende ‘no mundo da vida’, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianas” (GOHN, p. 28, 2006). Sendo assim, a proposta da disciplina está baseada muito mais em ouvir as demandas do espaço, conhecer as suas rotinas e aprender com os sujeitos do que apenas levar o conhecimento da universidade para o meio. Em vista disso, o estágio foi realizado na Escola Municipal de Porto Alegre - EPA. Apesar da escola municipal regular em si ser considerada um espaço formal de educação, a EPA tem um enorme diferencial: ela tem o objetivo de cumprir o estabelecido no Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, que diz respeito ao direito à educação às crianças e adolescentes que vivem nas ruas do Centro de Porto Alegre, e não são incluídos na escolarização formal. A escola está localizada na rua Washington Luiz, 203, e possui cerca de 100 estudantes em 2020. O papel fundamental desse espaço é exercer acesso à educação aos estudantes que se encontram em situação de rua e, além disso, também ser um espaço de acolhimento e acompanhamento, criando um plano de ação totalmente ligado a um projeto de vida. Durante a pandemia, em virtude do decreto nº 20.625 de 23 de Junho de 2020, as aulas presenciais na escola foram suspensas, o que mudou completamente a dinâmica do espaço. As aulas não puderam ser retomadas de forma remota, já que os alunos não têm acesso às tecnologias. Sendo assim, foi adotado um outro formato de atividades, em que os alunos buscavam atividades planejadas pelos professores no colégio uma vez por semana, juntamente com alimentos e alguns itens essenciais, como lápis, borracha e caneta. Nosso contato com a escola foi através de duas reuniões com os responsáveis pela escola e os professores, de forma remota pelo Google Meet, para discutir as necessidades do local, entender a rotina e a maneira como os professores desenvolvem seu trabalho. Logo, percebemos que os professores trabalham de forma interdisciplinar, buscando referências no entorno social onde os/as alunos/as vivem, envolto de solidariedade e empatia. Isso posto, entendemos que as atividades desenvolvidas por nós precisavam estar em consonância com alguns critérios: o planejamento de atividades independentes, que tenham seu início, meio e fim nela própria; atividades que não necessitam de pesquisa externa, já que os alunos não têm acesso à internet e livros; e, principalmente, levar em conta as vivências dos alunos para escolher conteúdos/temas a serem propostos nas atividades, que se relacionem com a realidade experienciada por eles, o que foi um desafio devido à falta de diálogos diretos com os alunos. Levando essas demandas em conta, foram produzidas quatro atividades, que foram entregues impressas aos alunos/as durante o período de um mês. Cada atividade tem duas páginas com textos, imagens e esquemas reflexivos, questões, e um pequeno glossário com conceitos importantes. Escolhemos temáticas sem distinção de etapa e que tivessem relação com o cotidiano urbano dos alunos, sendo elas: a mudança da paisagem da orla do Guaíba; o consumo e descarte de lixo urbano; o processo de urbanização; e, por fim, os sistemas fluviais e pluviais e desastres. A avaliação e reflexão acerca das atividades realizadas não puderam ser conclusivas, visto que os/as alunos/as não tinham obrigatoriedade de entrega de tais atividades, além disso, a rotatividade de alunos/as indo até a escola buscar materiais e alimentos é grande. Sobre a prática do estágio ficou evidente que as desvantagens estruturais e de acesso dos ambientes não escolares, se torna ainda maior no período de ensino remoto, devido à situação social dos alunos, sendo importantíssimo o olhar das instituições governamentais para esses espaços.

## 6. RELATO DE ESTÁGIO

---

Andrey Czolpinski e Rafael Brito

Profa. Dra. Daniele Trajano Raupp (Orientadora)

Nosso trabalho no estágio objetivou apresentar opções didáticas para utilização de forma não presencial no desenvolvimento do conceito de reações químicas no ensino médio. A justificativa para o desenvolvimento de diferentes recursos didáticos se deve ao fato da suspensão das atividades presenciais em decorrência da pandemia de coronavírus, o que gerou uma necessidade do uso de estratégias que dialoguem com o ensino remoto. Para atingir este objetivo utilizamos um arcabouço teórico e metodológico baseado em teorias cognitivistas e de ensino, buscamos propor recursos didáticos que dialoguem com as redes sociais e ambientes virtuais de aprendizagem bem como atividades de fácil elaboração no contexto domiciliar.

Nós, como discentes da Licenciatura em Química, realizamos o estágio em uma escola da rede privada de Porto Alegre do qual a sala de aula virtual vinculada ao estágio era o Google Classroom. As aulas foram ministradas para estudantes do primeiro ano do ensino médio com idades variando entre 14 e 16 anos, as quais ocorreram de forma síncrona e gravada. Tendo em vista esse contexto, nos foi pedido a criação de materiais didáticos e atividades que auxiliassem no processo de ensino e aprendizagem dos conceitos acerca de reações inorgânicas.

Como definido por Bruno Leite (2018), a utilização das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) tem de ser feita de maneira adequada pelos professores para que elas enriqueçam o ambiente de aprendizagem e estimulem as relações cognitivas, ressaltando ainda que não é o fato de se utilizar as ferramentas presentes nas TICs que abrem caminhos para melhores estratégias de aprendizagem, mas sim a maneira com a qual essas ferramentas são implementadas. Com base nos exemplos encontrados na literatura sobre TICs aplicadas na educação e pensando em um ambiente favorável à aprendizagem durante o sistema Ensino Remoto Emergencial (ERE), criamos os recursos didáticos que foram utilizados em nosso estágio.

Os materiais elaborados consistiam em cards (Postagens) e vídeos (Reels) no formato do Instagram para que fossem utilizados nesse momento de ERE, mas podem funcionar também como um recurso para as aulas presenciais. Nossa proposta foi a de vincular esse recurso didático à sala virtual utilizada por eles para que o estudante crie um acervo de consulta. A atividade, por sua vez, consistiu em os estudantes efetuarem uma série de experimentos em casa na qual foi utilizada a metodologia Predizer, Observar e Explicar (POE) para a sua realização criando assim relações com o que é visto em aula com o seu contexto e cotidiano.

Tendo em vista que atuamos para tentar lidar com a problemática sobre as dificuldades de aprendizagem dos conceitos acerca das reações químicas, os recursos didáticos e a atividade criados neste trabalho corresponderam ao potencial para auxiliar numa aprendizagem significativa por trabalhar as diferentes representações - micro, macro e simbólico - que a disciplina de química utiliza como forma de visualização e para dialogar sobre os fenômenos que descreve.

Os recursos didáticos desenvolvidos podem ser uma ferramenta poderosa à disposição dos professores que não possuem o ambiente para a prática laboratorial e por vezes encontra dificuldades para transcrever o que ocorre durante um experimento ao estudante. Ele abre um precedente para que outros recursos possam ser criados, tanto pelos estudantes quanto pelos professores, e auxiliem o processo de aprendizagem da disciplina de química que, por vezes, possa ser abstrata aos olhos dos envolvidos nesse processo.



## 7. DESENVOLVIMENTO E ANÁLISE DE UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA O ENSINO REMOTO DE CINÉTICA QUÍMICA NO ENSINO MÉDIO

---

Cassiana H. Griebeler, Giulia O. Kirinus e Vanessa F. Fonseca

Profa. (s) Dra. (s) . Nathalia M. Simon e Camila G. Passos (Orientadoras)

Este trabalho objetivou descrever a experiência da aplicação de uma sequência didática (SE) que aborda o conteúdo de cinética química. A SE foi desenvolvida por três estagiárias atuando através de uma docência compartilhada no período de regência do Estágio de Docência em Ensino de Química I – E, do curso de Licenciatura em Química noturno da UFRGS. A metodologia utilizada nesse trabalho é de natureza qualitativa e a análise documental foi realizada a partir dos diários de campo das estagiárias docentes e das produções dos alunos. As atividades foram realizadas em outubro de 2020, no contexto do ensino remoto emergencial da rede pública do estado do Rio Grande do Sul em uma escola do município de Porto Alegre. A SE foi realizada em quatro semanas consecutivas através do Google Classroom e aplicada com cinco turmas do segundo ano do ensino médio, no turno da manhã. A atividade ocorreu ao longo de três aulas assíncronas e uma aula síncrona de uma hora através da plataforma do Google Meet. A primeira atividade proposta aos alunos foi um vídeo produzido pelas estagiárias contendo uma introdução à cinética química a partir de uma perspectiva histórica, sendo encaminhado conjuntamente com algumas perguntas que nos permitiram identificar os conceitos prévios dos alunos e acompanhar sua participação através das postagens no Classroom. Na segunda semana foi enviado aos alunos novo vídeo produzido pelas estagiárias, desta vez apresentando os conceitos teóricos básicos relacionados aos fatores que afetam a velocidade das reações a partir de experimentos que utilizam materiais presentes no nosso cotidiano como forma de contextualização. Além disso, a cada turma foi enviado um problema a ser resolvido. Os cinco diferentes problemas enviados abordavam a temática conservação de alimentos. A terceira aula ocorreu de forma síncrona, por meio do aplicativo Mentimeter para favorecer a interação com os alunos. Nesta aula abordamos as formas de ingresso nas Universidades via ENEM e vestibulares. Além disso, gravamos e enviamos vídeos com a resolução de algumas questões de cinética química de provas passadas do ENEM e do vestibular da UFRGS. Por fim, na última semana desenvolvemos um mural interativo sobre catalisadores através da plataforma Padlet, em que os alunos deveriam postar comentários e as resoluções de algumas questões deixadas pelas estagiárias. O formato do arquivo de entrega das atividades propostas foi flexibilizado segundo a preferência do aluno, podendo ser entregue através do Google Classroom ou de um endereço de e-mail. A experiência foi desafiadora não apenas pela situação atípica a qual estamos vivendo, mas também pelas limitações de acesso à internet que muitos alunos vêm enfrentando e pela baixa adesão dos estudantes ao ensino remoto. Por fim, o processo se mostrou muito enriquecedor para a formação das estagiárias, tanto pela necessidade imediata da reinvenção do que estamos habituados a desenvolver em sala de aula, como nos desafiando a uma readaptação e à busca de novas alternativas para tornar o ensino mais atrativo através das plataformas digitais.

## 8. RELATO DE ESTÁGIO II

---

Danielle Prazeres Reppold

Profa. Dra. Daniele Trajano Raupp (Orientadora)

O presente relato apresenta a experiência docente da aluna em Licenciatura em Química, ocorrida durante o Estágio de Docência em Ensino de Química II – C (QUI02025), desenvolvido na Fundação Escola Técnica Liberato Salzano Vieira da Cunha, no Curso Técnico em Química, durante o Ensino Remoto Emergencial, no segundo semestre de 2020. Foi elaborada e aplicada uma sequência didática baseada na Teoria da Aprendizagem Significativa denominada Unidade de Ensino Potencialmente Significativa (UEPS), que utilizou a temática “Automedicação”, discutindo principalmente os medicamentos isentos de prescrição (MIPs) para abordar as funções orgânicas nitrogenadas. A aplicação ocorreu em 7 aulas ( 2 períodos de 50 min), por meio atividades síncronas e assíncronas com uso da plataforma Google Classroom® . Participaram duas turmas do 2º ano do Ensino Médio, sendo a Profª. Drª. Schana Andreia da Silva a professora

No primeiro momento da aula foi solicitada a produção de um mapa conceitual com assunto central “medicamentos”. A finalidade era averiguar os conhecimentos prévios, configurando a situação-inicial prevista para uma UEPS. Após, na etapa de aprofundamento do conhecimento: realizou-se a leitura de dois poemas, com contextos temporais diferentes, com referência ao consumo de medicamentos; apresentando dados estatísticos sobre automedicação e diferenciando conceitos farmacológicos. No segundo momento da aula, a licencianda propôs a seguinte situação: “Que medicamentos você utiliza quando sente mal-estar?”, cedendo 5 minutos para os alunos buscarem nas suas residências medicamentos que consumiam com regularidade. Depois da inserção dos medicamentos apontados pelos discentes num quadro virtual, efetuou-se uma aula expositiva-dialogada sobre efeitos da automedicação e interações medicamentosas. Por último, ocorreu a apresentação e diferenciação das estruturas moleculares de medicamentos selecionados e a introdução às funções nitrogenadas. Nessa etapa buscou-se favorecer a diferenciação progressiva dos conceitos.

A segunda, terceira e quarta aula transcorreram de modo assíncrono, com a postagem de videoaulas sobre identificação de grupos funcionais (aminas, amidas, nitrocompostos, nitrilas, isonitrilas e azocompostos), construção de nomenclatura dos compostos e aplicações cotidianas e industriais na plataforma YouTube®. Uma nova situação-problema foi proposta na quinta aula, a partir de um Júri Simulado. A turma foi dividida em dois grandes grupos para atuarem de maneira intercalada: um momento como júri do caso; no outro, como agentes de defesa/acusação do caso em análise. Os casos em debate eram sobre (1) a comercialização da Dipirona no Brasil e (2) contaminantes emergentes presentes nos efluentes de Novo Hamburgo. Ambos os assuntos foram criados para essa atividade, isto é, não são casos reais mas pautam sobre temas importantes e presente na contemporaneidade. Além da argumentação desenvolvida de forma síncrona pelo Google Meet®, os grupos entregaram as fundamentações em documentos escritos. No final das contestações, solicitou-se que os alunos criassem, individualmente, um mapa conceitual sobre “medicamentos”, a fim de avaliar a evolução sobre o assunto buscando identificar a reconciliação integrativa para inferências sobre a aprendizagem potencialmente significativa.

Na sexta aula realizou-se uma avaliação somativa sobre funções orgânicas nitrogenadas, no Google Forms®, visando analisar o domínio na identificação e classificação das funções, nomenclatura dos compostos e transferência de saberes para situações do cotidiano. Por fim, a última aula sucedeu de forma assíncrona, que foram planejados dois, momentos: a avaliação de aprendizagem na UEPS, quando analisou-se as atividades formativas e somativa desenvolvidas ao longo das aulas; avaliação da própria UEPS, na qual os alunos realizaram reflexões acerca das suas aprendizagens utilizando a UEPS, através de um formulário no Google Forms®, mantendo o anonimato.



## 9. UMA OPORTUNIDADE DE ESTÁGIO FORA DO MEU LUGAR

---

Lucio de Souza Gastal

Profa. Dra. Roselane Zordan Costella (Orientadora)

O Estágio Supervisionado em Geografia III foi aplicado pela primeira vez de forma remota. O primeiro desafio encontrado foi o da busca do espaço onde aconteceria, o que foi resolvido com ajuda de um colega que ofereceu para que eu me juntasse a ele no Instituto Estadual de Educação no qual iria realizar suas práticas, localizado em São Jerônimo sua cidade natal, há cerca de 70km/h de Porto Alegre onde resido. Como não conhecia São Jerônimo, a primeira tarefa foi fazer uma pesquisa sobre o local e conversar com o colega que foi meu companheiro durante o estágio, crescido lá e que pode me dar um panorama sobre a vida na cidade. Passado o momento inicial de compreender que trabalharia com alunos de uma realidade mais distante da minha do que já imaginava que seria me deparei com o mesmo problema que todos os demais colegas, mesmo aqueles que estariam com escolas na esquina de sua casa, o de preparar aulas que não ocorreriam no espaço escolar de sala de aula, mas através da tela do computador, utilizando o Google Meet em encontros semanais síncronos com parte de alunos (uma média de 6), além de materiais assíncronos para aqueles que não puderam estar presentes por limitações de tempo, ou de acesso às ferramentas necessários. Por se tratar de jovens de 11 a 12 anos optamos para sempre que possível utilizar a tecnologia a nosso favor, com linguagens e aplicativos que estão habituados ao usarem a internet, que devido ao fato de não estarem mais convivendo no ambiente da escola, está mais presente do que nunca na vida deles. Foi pensando nisso que elaboramos vídeos que auxiliaram na comunicação e na didática para trabalhar conteúdos e no estímulo a reflexões. Para isso foi utilizado em uma das práticas o TikTok, aplicativo de mídias para compartilhamento de vídeos curtos, que além de possuir ferramentas de edição possui uma linguagem própria de seus usuários, totalmente nova para mim, nascido no início da década de 90, mas completamente parte do dia-a-dia de jovens da idade turma de sexto ano que estávamos nos comunicando, logo foi preciso primeiramente me apropriar para depois construir o material, que foi aparentemente muito bem recebido e gerou surpresa provavelmente por não esperarem que a rede social aparecesse em aula. Além da realização de vídeos onde foram testadas linguagens que transmitisse informações de forma que os atraísse, a maior parte dos encontros síncronos foi realizada através dos vídeos-chamada, onde o desafio foi fazer com que participassem, ligando os microfones e se possível as câmeras. Houve uma grande dedicação para que os objetos do conhecimento a serem trabalhados (previamente sugeridos pela professora da escola) partissem da realidade dos alunos. Como éramos dois estagiários, um que cresceu no mesmo lugar que os alunos e outro que nem mesmo conhecia, utilizamos isso para que: Enquanto um trazia sua experiência para aproximar os alunos, o outro aproveitava sua falta de conhecimento, incentivando que os alunos apresentassem a cidade e com isso além construir conhecimentos se reconhecessem como autores no lugar em que vivem. Dessa forma acabei por aprender mais do que já tinha expectativas e assim que for possível uma das primeiras coisas que tenho vontade de fazer é conhecer São Jerônimo pessoalmente.

## 10. PRÁTICAS EDUCACIONAIS EM TEMPOS DE PANDEMIA: UMA ABORDAGEM GEOGRÁFICA ATRAVÉS DO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL

Bruno Luiz Tesch Ely, Igor Paiani Fernandes e José Luis Dimer Schutt

Profa. Dra. Élide Pasini Tonetto (Orientadora)

Este trabalho busca refletir sobre as experiências do Estágio Supervisionado em Geografia I, realizado em uma turma do ciclo B20, equivalente ao 5º ano<sup>1</sup>, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Saint Hillaire, localizada no Bairro Lomba do Pinheiro, em Porto Alegre/RS. O estágio, realizado por três estudantes do curso de Licenciatura em Geografia/UFRGS, se deu em um momento social atípico, a pandemia mundial de COVID-19, necessitando, assim, que o trabalho desenvolvido ocorresse de forma remota. O vínculo com a escola se estabeleceu a partir do diálogo com as professoras das áreas de Geografia e Letras, que acolheram a prática de estágio e abriram espaços para que ela ocorresse. Ingressamos na escola em um momento de retomada do vínculo entre alunos/as e instituição de ensino, após um período de suspensão das atividades escolares devido à pandemia. Nesta retomada, foi identificado pelas professoras citadas, a partir de pesquisa realizada junto à comunidade (estudantes e famílias), que a ansiedade era uma questão latente no cotidiano dos alunos, resultando, em alguns casos, em mudanças nas suas rotinas alimentares, sendo importante uma discussão acerca das rotinas, dos anseios, das dificuldades ou mesmo de ações que trouxessem maior leveza para alunos/as e professores/as diante do complexo contexto vivenciado, especialmente para esta escola, localizada em área de vulnerabilidade social. Por sugestão das professoras, a turma foi dividida em 2 grupos, para encontros com grupos menores via WhatsApp, a fim de gerar uma maior aproximação. Contribuímos com a construção de um diário alimentar, seguido de um questionário online referente à alimentação da turma, intitulado: “Como está sua alimentação?”, com objetivo de identificar as rotinas alimentares, construindo um material a partir das informações geradas, e que pudesse ser utilizado para reflexões a partir do cotidiano dos alunos. A partir das respostas dos estudantes, foram gerados gráficos, apresentados e discutidos com os/as estudantes. Como forma de fechamento, pedimos aos alunos/as que cada um escolhesse uma fruta e realizasse uma breve pesquisa sobre os nutrientes e benefícios vinculados à fruta escolhida, assim como a região do Brasil em que a fruta é cultivada. Com base nas escolhas, foi gerado um mapa das Regiões Brasileiras, além de uma tabela com o nome do/a aluno/a e fruta escolhida, de forma a situar espacialmente as regiões de cultivo, buscando relacionar questões climáticas, econômicas e sociais sobre a produção destas frutas. Considera-se que trabalhamos na produção de uma “geografia menor” (OLIVEIRA JR, 2019) que emerge da experimentação coletiva com os/as alunos/as, tendo como fonte de dados as pesquisas deles, bem como, as discussões geradas nos encontros. A produção conjunta de conhecimento, a partir das vivências com os/as alunos/as, gerou um vínculo reflexivo com o tema abordado, levando a maior compreensão e consequente participação deles nas atividades propostas. Como conclusões destacamos o fato da prática de estágio se desenvolver de forma remota se apresentou como um desafio frente ao modelo educacional tradicional vigente, e mesmo à nossa formação enquanto educadores, somadas às dificuldades impostas pela própria pandemia. Destacam-se ainda as dificuldades materiais e técnicas dos estudantes, visto que o acesso às tecnologias e formas de utilizá-las ainda se fazem excludentes para parte significativa da população brasileira, em Porto Alegre não é diferente.

1.A escolha pelo 5º ano (B20) se deu por ser uma turma integrante do Projeto “Adote 5 alunos/as”, no qual participava a professora de Geografia e supervisora do estágio. E por esta turma estar mais adiantada na execução do referido projeto, que visava maior aproximação dos estudantes com a escola na pandemia.

## 11. ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO ZPPV – ZUMBI DOS PALMARES PRÉ-VESTIBULAR

---

Éder Luís da Silva Rodrigues e Patrícia Pereira Vianna

Profa. Dra. Élide Pasini Tonetto e Profa. Dra. Denise Wildner Theves (Orientadoras)

O presente trabalho traz um relato do estágio supervisionado II realizado no curso pré-vestibular popular Zumbi dos Palmares em Porto Alegre em setembro de 2020. O estágio foi realizado de forma remota, ministrando-se três aulas sobre dinâmicas de população. As aulas aconteceram nos dias 07, 14 e 21 de setembro de 2020 de forma remota e síncrona por vídeo conferência. As duas primeiras aulas foram realizadas de maneira expositiva dialogada e na terceira aula foi feita uma correção de exercícios de provas de vestibulares anteriores. Considerou-se que o maior desafio encontrado na realização do estágio foi a forma remota que exigiu repensar as estratégias pedagógicas muitas vezes de modo a incorporar o que era trazido pelos alunos de modo a tornar a aprendizagem mais significativa.

## 12. CRIANDO VIDEOAULAS, COMO E PARA QUEM?

---

Alessandra Heckler Stachelski

Profa. Dra. Andreia Dalcin (Orientadora)

Iniciar as atividades docentes sempre dão um frio na barriga principalmente para quem é novo no ramo, mesmo com todo o preparo e planejamento. Mas quando isso ocorre num momento de isolamento social em que escolas estão fechadas e aulas remotas e não-presenciais estão em andamento, como podemos nos preparar e planejar? Será que tudo irá ocorrer da mesma forma que numa sala de aula presencial? Ao ingressar na disciplina de Estágio em Educação Matemática II, no semestre de 2020/1, ministrada pela professora Andreia Dalcin, encontrei obstáculos inesperados que me levaram a escolher videoaulas como principais meios de dar aula remotamente.

Algo que considero essencial na profissão de professor não houve: contato com os alunos da turma. Sem ter acesso à plataforma Google Classroom (ou Sala de Aula) - e aos 28 nomes listados na turma 94, nono ano de uma escola estadual - meu relato sobre esses alunos, suas individualidades, curiosidades e aprendizagens é quase nulo, não os conheço como os conheceria se fosse numa outra época que não a da pandemia.

Mas o conteúdo teria que ser preparado e enviado aos alunos e as horas de estágio devem ser preenchidas. Optei então por criar videoaulas que seriam enviadas aos alunos juntamente com as atividades semanais. Pensando que seria praticamente o mesmo que dar aulas síncronas, logo percebi que estava enganada: planejamentos, produção, tempo, ferramentas são apenas algumas coisas que diferem muito da aula presencial e até mesmo da aula síncrona remota. Depois de sete semanas produzindo as videoaulas, percebi diversos elementos que fariam grande diferença na produção dos vídeos se eu já soubesse deles anteriormente - tanto sobre os momentos das gravações, quanto das edições, sobre aparelhos e configurações, projetos e materiais prévios à gravação, e até mesmo sobre o estado mental.

Como utilizar corretamente os softwares, os materiais didáticos, a webcam? Como me preparar e planejar corretamente para uma videoaula? Quais aparelhos tecnológicos são necessários? Estas são algumas das questões que pretendo abordar e dar ideias para respondê-las, falando principalmente das plataformas (Geogebra, OBSstudio, DaVinci Resolve, Adobe Illustrator e EpocCam) e dos aparelhos (computador, mesa digitalizadora, celular como webcam) que mais utilizei durante o estágio.

No entanto, mesmo com meu conhecimento tecnológico e planejamentos, pude ver a dificuldade em ensinar sem ter a certeza de que alguém está aprendendo. Como lidar com isso? O trabalho e horas empregadas gravando e editando os vídeos realmente está sendo reconhecido? E o principal: alguém definitivamente está aprendendo?

### 13. GEOGEBRA, MEET, IVCAM, E GOOGLE CLASSROOM: RECURSOS DIGITAIS NA AULA DE MATEMÁTICA

---

Luigi Quintans Riveiro

Profa. Dra. Andreia Dalcin (Orientadora)

Em tempos de pandemia e ensino remoto, o uso de TICs (Tecnologias da Informação e Comunicação) ganhou relevância na manutenção da comunicação entre professor e aluno, sendo possível assim o andamento do ano escolar. O meio digital, já presente na vida de todos mas muitas vezes relegado na sala de aula, se tornou essencial para que tal continuidade do ensino ocorresse. Na rede estadual do Rio Grande do Sul foi disponibilizada a plataforma Google Classroom como ferramenta digital de interação entre estudantes e docentes. Como aluno da disciplina Estágio em Educação Matemática II do semestre 1/2020, ministrada pela professora Andreia Dalcin, relato abaixo uma das experiências em uma escola estadual vividas neste contexto.

As atividades através da plataforma citada eram semanais, ocorrendo tanto nos modelos síncronos como assíncronos. A atividade aqui descrita ocorreu com uma turma de 8º ano do ensino fundamental regular, no formato síncrono, com a duração de uma hora. Pelo Meet, vinculado ao Google Classroom, a interação entre alunos e professores se dá por vídeo, áudio e chat, além da possibilidade do professor compartilhar qualquer outro recurso de apresentação. Nesta aula o tema foi “Soma das medidas dos ângulos internos do triângulo”. Para que a aula ocorresse de uma forma dinâmica e não enveredasse para a frequente leitura de apresentações, algo que já se mostra cansativo para adultos, então o que dirá para adolescentes, planejei o uso do software de matemática dinâmica Geogebra, além do aplicativo iVCam.

O Geogebra permite desenvolver diversos conteúdos matemáticos de forma dinâmica. A atividade se constituiu na utilização de um triângulo qualquer apresentando o valor de cada um de seus ângulos internos. Logo abaixo da figura, coloquei o somatório dos três ângulos mostrando que o resultado é sempre  $180^\circ$ . Para comprovar este “sempre”, além da explicação matemática, utilizei a dinamicidade do Geogebra que me permite mexer a vontade no formato do triângulo. Assim, o valor das medidas dos ângulos internos mudavam, ao mesmo tempo que também alterava o valor de cada ângulo no somatório, mantendo-se inalterado o total de  $180^\circ$ . Esta visão dinâmica do tema numa sala de aula presencial só seria possível com projetor e computador, algo que muitas escolas estaduais não disponibilizam.

Na sequência, compartilhei na tela a filmagem da minha escrita, através do iVCam no celular, resolvendo com os alunos dois exercícios de fixação já previamente impressos no papel. Este recurso permite que o docente numa aula remota não dependa de um quadro para desenvolver exercícios, problemas ou conteúdos.

Através de recursos digitais como o Meet, o Geogebra e o iVCam, foi possível trabalhar a atividade de forma síncrona além de disponibilizar a gravação da aula no Mural do Google Classroom. Assim qualquer aluno, inclusive aquele que não participou no dia, poderia assistir o vídeo na hora que quisesse. Relembrando de discussões em disciplinas como Educação, Matemática e Docência, o autor pesquisador do tema “TICs na Educação Matemática” Marcus Vinicius Maltempi escreveu em seu artigo “Educação matemática e tecnologias digitais: reflexões sobre prática e formação docente”, de 2008: “Não tenho dúvidas de que as tecnologias ampliam as possibilidades de se ensinar e aprender, oferecendo novas e variadas formas para que esses processos ocorram, de forma que ideias para trabalhos pedagógicos que antes eram inviáveis (por limitações de custo, tempo, recursos físicos, etc.) tornam-se factíveis com o uso de tecnologias”.



## 14. EXPERIÊNCIAS DOS ESTAGIÁRIOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL UFRGS

---

Jeniffer da Silva Bielavski

Profa. Dra. Roseli Belmonte Machado (Orientadora)

Como sabemos e vivemos, o ano de 2020 trouxe a situação da pandemia de Covid-19 e, na intenção de controlar a propagação do vírus, foi instituído o distanciamento social, o que provocou o fechamento das escolas e universidades. Na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), local desta prática, foi adotado o ensino remoto emergencial (ERE), abarcando, também, os estágios e práticas de ensino. O objetivo deste trabalho é refletir sobre as experiências dos estagiários de Educação Física, atuantes no Ensino Fundamental, no desenvolvimento de aulas remotas. A metodologia de pesquisa utilizada é a pesquisa qualitativa que, de acordo com Molina Neto (2010) ao refletir sobre a Educação Física escolar, oferece uma maior agilidade e liberdade para a reflexão no tipo de análise estabelecida pela investigação. O presente estudo debruçou-se a analisar os trabalhos finais dos alunos da turma D da disciplina de Estágio de Docência de Educação Física no Ensino Fundamental, realizado em novembro de 2020. Este seminário, interno da disciplina, propõe que os alunos escolham um tema que tenha atravessado o seu estágio e desenvolvam uma reflexão com base na prática, apoiado em autores da área. Esta reflexão deve ser entregue em material escrito e também apresentado no formato de seminário. Nesse sentido, esta pesquisa, metodologicamente, teve dois momentos: a leitura e análise dos trabalhos escritos e o acompanhamento, com anotações em diário de campo, das discussões suscitadas no seminário. Com a análise, pudemos perceber que os principais temas trazidos pelos alunos para discussão foram: a ludicidade na Educação Física escolar; as dificuldades enfrentadas pelos professores das escolas com o modelo de ensino remoto; a importância do brincar no período de distanciamento social; os desafios das práticas de ensino no modelo de ensino remoto; as diferentes abordagens pedagógicas no ensino remoto e o papel da Educação Física na quarentena. Durante as discussões no seminário, identificamos características em comum entre os estagiários, como, por exemplo, as dificuldades encontradas ao se depararem com o estágio de forma remota, quando os mesmos haviam se matriculado na forma presencial; as dúvidas e expectativas que tiveram para seguir com o estágio; os primeiros contatos com o diferente, com a “mudança”, com o novo, com as plataformas on-line e suas tecnologias; a insegurança sobre o vínculo com os alunos. Além dessas, destacaram-se as produções, reinvenções e mudanças realizadas pelos estagiários para ofertar o componente curricular da Educação Física, como a construção de vídeos, orientações de práticas corporais sem contato, minimização e adaptação de materiais, de forma a afirmar o lugar da Educação Física na vida dos alunos na quarentena. Muitos relatos dos estagiários também foram no sentido de evidenciar a satisfação dos alunos e das famílias com as aulas, mas também de sentir falta das devolutivas de muitos alunos. Apoiadas em Larrosa (2002), consideramos como experiência aquilo que “nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (LARROSA, 2002, p. 21), algo raro nos dias e que exige “parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar” (p.27). Nesse sentido, pensamos que este momento no ensino remoto pode significar uma possibilidade de experiência aos estagiários para que, talvez, possam ver e defender a escola como um espaço público e um espaço livre, um espaço de estudo (MASSCHELEIN; SIMONS, 2014). Ao mesmo tempo, sejam capazes de defender e posicionar a Educação Física escolar nesse contexto.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. Em defesa da escola: uma questão pública. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: Revista Brasileira de Educação, 2002.

